

A Guerra dos 7 Erros



» JOSÉ SARNEY
*Ex-presidente da República,
escritor e imortal da
Academia Brasileira de Letras*

A Guerra de Gaza teve sempre erros, nenhum acerto, como era de se esperar. Aliás, encontrar uma guerra que não seja resultado de um erro ou que tenha resolvido algum problema é impossível.

O confronto teve como princípio deflagrador claros e brutais erros de avaliação dos terroristas do Hamas naquele ataque de 7 de outubro, assassinando mais de 1.200 pessoas, sequestrando mais de 250 pessoas, além de dezenas de cadáveres levados para objeto de futura permuta, o que agora está ocorrendo.

Julgavam poder vingar as atrocidades cometidas diariamente por israelenses, sob a proteção do governo de Israel, contra os palestinos em Gaza e na Cisjordânia, e provar que a tal invulnerabilidade de Israel era falsa, difundindo uma possível fragilidade do Estado judeu e, aproveitando a impopularidade de Netanyahu, acusado de corrupção, disseminar medo no povo, o que levaria a um afastamento deste do Likud, partido da extrema-direita, que mantém o ministro e o atual governo.

Outro monumental erro foi a tragédia que matou Yitzhak Rabin, grande e notável estadista israelense, vítima do assassinato que comoveu o mundo, atingido por um terrorista israelense, em Tel Aviv.

Rabin e Yasser Arafat, o líder da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), ambos mortos por terroristas, eram signatários do

Tratado de Paz de Oslo, que propunha para o Oriente Médio um Estado Palestino convendo com o judaico, já existente, aprovado na 2ª Assembleia das Nações Unidas, em 1947.

Mais um erro que mudou o curso da História: a não concretização dessa solução resultou na derrota de Ehud Barak para Ariel Sharon, da extrema-direita israelense, invertendo o caminho israelense para uma paz duradoura com os palestinos, que guardaram — e guardam até hoje — o ressentimento de terem sido retirados de suas terras para dar lugar ao Estado judaico.

Outro terrível erro foi o ataque dos militares egípcios durante uma parada que matou o Presidente do Egito Anwar Sadat, no Cairo; este, signatário do Tratado de Paz de Camp David, de 1978, marcou a primeira vez que um Estado árabe reconheceu a existência de Israel, iniciando a atual configuração política do Oriente Médio.

Pela vingança de Israel decorrente do atentado de 7 de outubro, o povo palestino — sem culpa nenhuma — e os guerrilheiros do Hamas — culpados — pagaram um preço inimaginável em pleno século XXI: 70 mil mortos, destruição quase total de Gaza. E a inadmissível fome usada como arma de guerra, que continua a ceifar vidas num sofrimento que comove o mundo.

Não bastassem tantos erros, cito mais um como fato histórico: o Estado de Israel levou a sua vingança a um extremo tão cruel que conquistou para o país, com o massacre de um povo tão pobre, o isolamento mundial, acusado de ter um objetivo que jamais será alcançado: a extinção do povo palestino! Estes, desde 1948, vivem sua diáspora (a Nakba), com campos de refugiados na Cisjordânia, na Faixa de Gaza, e em países como Jordânia, Síria e Líbano.

Marcando mais um erro apontamos o radicalismo iraniano de não reconhecer o Estado de Israel, uma realidade que não retrocede, e a

feitura de uma bomba nuclear.Em consequência a decisão desastrosa, que acarretou centenas de mortes no Irã: o bombardeio da usina nuclear de enriquecimento de urânio de Fordow, sob a alegação de que somente os Estados Unidos possuem armamentos capazes de romper montanhas.

Abrindo parêntese nessa análise de uma guerra tão distante de nós, lembro que o nosso continente é o único no mundo que não quer — e não tem! — armas nucleares, graças ao acordo firmado por mim e Raúl Alfonsín, por proposta do Brasil, de acabarmos com as pesquisas nucleares para fins bélicos em nossos países e destiná-las somente para a paz e aplicações científicas para a melhoria nas condições de vida da Humanidade. Tenho absoluto orgulho de ter contribuído, ao lado de Alfonsín, para esse benefício.

Pois, no meio de todos esses erros, para surpresa de todos nós, eis que Trump faz uma coisa certa, depois de, aqui para nós, ter feito a grande besteira, uma coisa errada, de taxar o Brasil em 50%. Ele, que foi acusado daquela invasão do Congresso americano, agora, como presidente, atua impedindo o funcionamento do Congresso, brigando com tribunais e provocando retaliações aos Estados governados pelo Partido Democrata, seu adversário.

Na busca do Prêmio Nobel da Paz, como foi acusado pelos seus opositores, teve uma grande vitória comandando e forçando Israel a aceitar o cessar-fogo, o que sem dúvida alguma foi um gesto louvado e aplaudido por gregos e troianos no mundo inteiro, a começar por nós.

Esperamos agora que os acertos abram suas asas sobre o mundo, para alcançarmos aquele desejo de Kant da paz duradoura. Juntemos nossas orações às propostas de Leão XIV pela Paz entre os homens de boa vontade.



Dia dos Professores: gratidão eterna a quem ensina, inspira e transforma



» MARLOVA JOVCHELEVITCH NOLETO
*Diretora e representante
da Unesco no Brasil*

Ao pensarmos na escola e no processo de aprendizagem, sempre lembraremos de uma professora ou de um professor que nos inspirou, ou ainda nos inspira, a crescer e seguir aprendendo ao longo da vida. A educação não envolve apenas transmitir conhecimento — é um processo humano fundamentado na confiança, no cuidado e na orientação. Por isso, na semana em que celebramos o Dia dos Professores, reforçamos a importância de valorizar aquelas pessoas que ensinam e lembrar que elas formam todas as outras profissões.

Os professores desempenham um papel essencial nos sistemas educacionais e são motores da aprendizagem, da inclusão e da inovação — não só nas escolas, mas também na sociedade. No entanto, sabemos que os docentes enfrentam inúmeros desafios, como a crescente carga de trabalho, a baixa remuneração e a falta de reconhecimento. Além disso, muitos não contam com estruturas de colaboração capazes de apoiar e fortalecer sua pedagogia, sua autonomia, seu profissionalismo e seu bem-estar. Esses fatores contribuem para o desgaste profissional e desestimulam a escolha pela

carreira docente.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) fez um chamado à colaboração ao celebrar o Dia Mundial dos Professores, em 5 de outubro, destacando seu potencial transformador para os professores, para as instituições escolares e para os sistemas educacionais. A data teve como tema “Redefinir o ensino como umaprofissão colaborativa”. Assim, apoiar políticas, práticas e ambientes que valorizam o compartilhamento de saberes e a responsabilidade conjunta é essencial para fortalecer o ensino, a aprendizagem e a realização profissional dos professores.

Essas ações transformam a qualidade do ensino, aumentam a retenção dos profissionais e ajudam a criar salas de aula em que os estudantes podem prosperar — ao mesmo tempo em que estabelecem as bases para sistemas educacionais equitativos e resilientes em todo o mundo.

É também urgente trazer à discussão o papel das tecnologias no trabalho dos professores nas salas de aula, principalmente da inteligência artificial (IA), um recurso que está alterando a forma como aprendemos, trabalhamos e nos comunicamos. À medida que os ambientes educacionais se tornam mais conectados e as tecnologias transformam o processo de aprendizagem, é fundamental valorizar e apoiar os professores. Eles não são apenas parte da transformação — eles devem liderá-la, orientando e apoiando os estudantes. É preciso ter em conta que as tecnologias não substituem o componente humano

na aprendizagem. Em outros termos:nada substitui o papel do professor.

Embora a IA esteja revolucionando a educação e criando novas oportunidades de aprendizagem, ela não é capaz de replicar o senso de pertencimento, a segurança, a ética, a motivação e a conexão que somente professores podem trazer para uma sala de aula. Nesse sentido, com oobjetivo de promover o uso seguro, ético e responsável dessa tecnologia na educação, a Unesco lançou marcos referenciais de competências em IA para estudantese para professores.

A Unesco tem trabalhado com os governos para fortalecer políticas voltadas aosdocentes, para melhorar os sistemas de formação e para valorizar aprofissão. O reconhecimento das habilidades, das competências e dopotencial transformador dos professores deve estar no centro davalorização da profissão.

Em um mundo caracterizado pela complexidade e pela incerteza crescentes, é responsabilidade coletiva garantir que a educação continue sendo o espaço central para a transformação de nossos futuros compartilhados. Os professores desempenham um papel essencial nesseprocesso, pois são agentes da transformação e devem estar na linha de frente da renovação educacional. Para isso, é importante que tenham o reconhecimento, o apoio e as condições necessárias para exercerem sua missão com dignidade e eficácia. Somente assim poderemos construir futuros mais justos, inclusivos, equitativos e sustentáveis.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha@adabrcom.br

Menos idealismo, mais humanismo

Pensadores sobre os caminhos da humanidade, uma especialidade cada vez mais rara nas sociedades modernas, costumam afirmar que, ao contrário do que muitos ainda acreditam, o mundo não necessita tanto de idealismos do tipo político. Vejam: o século 20, como aponta o filósofo Roger Scruton (1944-2020), foi forjado por idealismos políticos como o nazismo, o fascismo e o comunismo, e todos sabem hoje no que resultaram essas opções.

Naquela ocasião, seus defensores repetidamente desenhavam ou, simplesmente, idealizavam um mundo à maneira de seus projetos, sem levar em conta como o mundo e a humanidade são de fato. Para tanto, não se furtavam do direito de transformá-lo na imagem do que pretendiam. Como consequência dessa sandice megalomaniaca, todos eles cometeram, sem remorso algum, crimes de genocídio e outros atentados graves contra a humanidade. “O consolo das coisas imaginárias não é um consolo imaginário”, dizia o filósofo para quem a ordem moral precede todas as coisas, inclusive a ordem econômica. O relativismo pregado pelos idealistas, no afã de tornar suas ideias plausíveis, serve, também, como refúgio para esses canalhas.

Venezuela ou Cuba são um retrato fiel a mostrar os resultados dos idealismos políticos, levados à última instância e que reafirmam que se pode quebrar um país e mesmo uma nação inteira, desde que o idealismo político seja cumprido tal como estabelecido por dirigentes lunáticos.

De fato, o idealismo sem humanismo tem sido a grande tragédia do nosso tempo, pois há algo de profundamente preocupante na repetição histórica dos erros humanos. Desde os impérios antigos até os totalitarismos do século 20, uma constante se mantém: quando o idealismo político se divorcia do humanismo, o resultado é a tragédia. Scruton, que compreendeu como poucos as armadilhas do pensamento utópico, advertia que a “ordem moral precede todas as coisas”.

Quando a política se arroga o direito de redesenhar o mundo conforme um projeto abstrato, o ser humano que deveria estar no centro de tudo torna-se mero instrumento da causa. E é justamente aí que começam as catástrofes. O século 20 foi o grande laboratório dos idealismos políticos. Nazismo, fascismo e comunismo, cada qual com sua retórica rentadora, prometeram mundos novos, sociedades perfeitas e homens regenerados. No entanto, o que deixaram foram sangue, ruínas e desilusões.

Sob a bandeira da pureza racial, da ordem absoluta ou da igualdade total, milhões foram exterminados, perseguidos ou reduzidos a sombras de si mesmos. Esses movimentos tinham em comum uma crença cega: a de que o homem pode ser moldado à imagem de uma ideia. E, como toda crença sem compaixão, ela degenera em barbárie. A lição, contudo, parece não ter sido aprendida. O mundo contemporâneo, anestesiado por ideologias recicladas e discursos populistas, volta a flertar com os mesmos delírios.

Nosso vizinho, a Venezuela é o exemplo mais contundente dessa tragédia moderna: um país outrora rico, vibrante e culturalmente potente foi arruinado em nome de um ideal político. Sob o pretexto de justiça social, destruiu-se a economia, calou-se a imprensa e esvaziou-se a liberdade.

Cuba, com mais de meio século de ditadura, é outro retrato sombrio do idealismo sem alma, um paraíso prometido que virou prisão a céu aberto, onde a sobrevivência substituiu a esperança. O perigo é que esses fantasmas já rondam o Brasil. Por aqui, o discurso do “bem comum” frequentemente serve de disfarce para o aparelhamento do Estado, a imposição de verdades únicas e o desprezo pelos valores morais que sustentam uma sociedade livre.

A polarização política, transformada em religião de massas, faz com que o debate seja substituído pela excomunhão do diferente. Em nome de projetos ideológicos à esquerda ou à direita, o país vai se afastando daquilo que realmente importa: o ser humano, sua dignidade e sua liberdade de pensar. O Brasil, em sua essência, sempre foi plural, diverso e criativo. Mas, nos últimos anos, o discurso maniqueísta tomou conta das instituições e da vida pública. A política, que deveria ser espaço de diálogo, virou um campo de batalha moral onde não há adversários, apenas inimigos. Os idealistas modernos herdeiros dos mesmos delírios que Scruton condenava acreditam que podem salvar o país por decreto, por censura ou por intervenção judicial.

Esquecem que nenhum regime, por mais virtuoso que se proclame, pode resistir quando o ser humano deixa de ser o centro das decisões. As universidades, outrora berços do pensamento crítico, tornaram-se trincheiras ideológicas. O debate foi substituído pela doutrinação, e o aluno que deveria ser incentivado a pensar é treinado para repetir. A imprensa, por sua vez, perdeu a isenção que lhe dava credibilidade, tornando-se, muitas vezes, porta-voz de projetos partidários. E a sociedade, mergulhada em redes de ódio, já não distingue o verdadeiro do falso. O resultado é um ambiente moralmente degradado, onde a verdade é negociável e a ética, relativa.

» A frase que foi pronunciada

“O idealismo é a virtude da inexperiência.”

Emanuel Wertheimer

Medo e insegurança

» Com a confusão entre as obrigações da Neoenergia e CEB, o que a população está vendo é que o número de postes sem luz pela cidade é cada vez maior.

» História de Brasília

Idéia interessante seria se o cel. Cairolí determinasse que os bombeiros, com o uso dessas lanchas, destocassem as partes perigosas do Lago, que são muitas. (Publicada em 10/5.1962)